

Exílio, ciência e política: o Movimento Matemático português e os sentidos do trabalho intelectual

Exile, science and politics: the Portuguese Mathematic Movement and the meanings of the intellectual work

Douglas Mansur da Silva¹

RESUMO: O presente artigo analisa trajetórias, obras e discursos dos cientistas António Aniceto Monteiro, António Brotas, Alfredo Pereira Gomes, José Morgado e Ruy Luis Gomes, em sua maioria membros do *Movimento Matemático* português, radicados no Brasil entre 1945 e 1974. Sob uma perspectiva processual e relacional, a ênfase recai nos sentidos que atribuíram, ao longo de suas vidas, à atividade intelectual.

ABSTRACT: This article analyses trajectories, works and speeches of the scientists António Aniceto Monteiro, António Brotas, Alfredo Pereira Gomes, José Morgado and Ruy Luis Gomes, most members of the Portuguese *Mathematic Movement*, rooted in Brazil between 1945 and 1974. Under a processual and relational perspective, the emphasis reflects in the meanings which attributed, along their lives, to the intellectual activity.

PALAVRAS-CHAVE: Exílio. Movimento Matemático. Intelectuais.

KEYWORDS: Exile. Mathematical Movement. Intellectuals.

I. INTRODUÇÃO

Tema contemporâneo — considerando-se que a atual fase do capitalismo, dito cognitivo (NEGRI & HARDT, 2005) —, o processo hoje chamado de *fuga de cérebros* também marcou o século XX, embora sob outro aspecto, uma vez que não esteve necessariamente relacionado ao avanço tecnológico no processo produtivo, mas à história dos refúgios e exílios, à emergência de regimes autoritários e aos avanços e recuos na consolidação de regimes democráticos. A circulação internacional de cientistas, artistas e escritores portugueses, exilados durante a vigência do Estado Novo em Portugal (1933-1974), contou com o apoio de redes profissionais, de amizade, de parentesco ou de filiação ideológica no campo da

¹ Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa. Email: douglas.mansur@ufv.br

oposição, mas foi também resultado de formas de expulsão do país de origem e de impedimentos à atuação, tanto em Portugal quanto no estrangeiro. Assim, em um primeiro momento, o foco do presente artigo recai sobre as trajetórias pessoais e coletivas dos personagens e suas experiências, e como elas teriam relação com as fronteiras de pertencimento que estabeleceram ao longo da vida. Nesta perspectiva, procuramos refletir sobre as fronteiras como algo construído *no tempo, em relação* e a partir de classificações e categorias diferenciais atribuídas ou autoatribuídas. As fronteiras da circulação também serão aqui pensadas em duas dimensões: 1) como demarcação de pertencimento (simbólico) e 2) como limite *político* (entrave à ação) que, no caso analisado, se manifestou concretamente em termos burocráticos.

No que concerne às fronteiras simbólicas, serão privilegiadas as categorias e formas de classificação relativas: 1) ao trabalho intelectual (em termos tais como cientistas, matemáticos, movimento matemático, cientistas, intelectuais, estrangeirados); 2) à condição migrante (exilado, emigrante, imigrante, diáspora, colônia); e 3) ao pertencimento nacional (português, brasileiro, exilado, estrangeiro).

2. REDES SOCIAIS E FRONTEIRAS DA CIRCULAÇÃO DE CIENTISTAS

2.1 GÊNESE DO MOVIMENTO MATEMÁTICO

Entre as décadas de 1930 e 1940, um pequeno mas eminente núcleo de matemáticos portugueses obteve parte de sua formação no estrangeiro, no quadro das políticas de bolsas do Instituto para a Alta Cultura (IAC), órgão pertencente ao então Ministério da Educação Nacional do Estado Novo. A exposição à ciência, tal como praticada naqueles países, reforçou a percepção quanto ao atraso científico português tanto quanto que a ciência era uma obra coletiva e que dependia de infraestrutura e investimentos. O caso do grupo *Bourbaki*, na França, do qual participou o matemático António Monteiro, é exemplar, uma vez que as obras eram assinadas com o nome do grupo (sob o pseudônimo comum de Nicolas Bourbaki) e não com os nomes pessoais de seus investigadores. O depoimento do físico Manuel Valadares também aponta nesta direção:

Esta laboração colectiva da investigação científica constitui sem dúvida um dos factores primaciais do alto investimento que a investigação atingiu nos últimos anos (...) ao fazer-se a história da Física contemporânea há que atender, para ser justo, ao apreciar a obra de cada um, não só aquele que assinou, mas ainda à obra de carácter colectivo em que tomou parte. A primeira é sempre a mais notória, mas a segunda, por vezes, não é menos útil à humanidade. (VALADARES, 1940).

Após o retorno, a atuação em Portugal foi marcada por conflitos, pelo que representavam de desafio aos cânones e à renovação do conhecimento científico frente à ideologia ruralista, anti-desenvolvimentista e do cunho autoritário tradicional-conservador do Estado Novo. No âmbito acadêmico, o termo *estrangeirados*, atribuído por terceiros, é representativo das tensões vivenciadas por aqueles

Quadro I. Principais membros do Núcleo de Matemática, Física e Química (bolsistas ou não)

Nome	Bolsa/Instituição
António Aniceto Monteiro (UL) (1907-1980)	1933-1936/Universidade de Paris
Manuel Zaluar Nunes (UL) (1907-1967)	1934-1937/Universidade de Paris
Manuel Valadares (UL-Fis) (1904-1982)	1929-1930/Instituto do Rádio de Genebra 1930-1933/estágio no Laboratório Curie (Paris)
Aurélio Marques da Silva (UL-Fis) (1905-1965)	1935-1938/estágio no Laboratório Curie (Paris)
Manuel Teles Antunes (UL-Fis) (1905-?)	1933-1935/ Inst. Nac. Fís. e Quím. (Madri) e Instituto de Física Teórica de Giessen (Alemanha)
Pedro José da Cunha (UL) (1867-1945)	Não
António da Silveira (IST-Fis) (1904-1985)	1929-1932/estágio no Laboratório de Física do Colégio de França
Ruy Luis Gomes (UP) (1905-1984)	Não
Bento de Jesus Caraça (ISCEF) (1901-1948)	Não
Aureliano de Mira Fernandes (ISCEF) (1884-1958)	Não
Caetano Beirão da Veiga (ISCEF)	Não

jovens pesquisadores (PEREZ, 1997). A percepção de que constituíam um grupo de cientistas à parte, com visões em comum, fez com que se empenhassem na iniciativa de formação do *Núcleo de Matemática, Física e Química* que, na prática, constituiu uma tentativa de organização de seminários. Contudo, apesar de o Núcleo conseguir realizar algumas sessões, viu-se impedido de atuar, por conta de restrições burocráticas do próprio ambiente acadêmico.

Em contrapartida, tais impedimentos reforçaram o sentimento de coletividade, no que se tornou gênese do que veio a ser chamado, pelos seus próprios integrantes, de *Movimento Matemático*. Em um curto espaço de tempo, entre 1937 e 1940, este movimento levou adiante iniciativas como a edição das revistas *Portugaliae Mathematica* (de cunho acadêmico e primeira publicação do gênero em Portugal) e *Gazeta de Matemática* (voltada para o ensino liceal), além da fundação da Sociedade Portuguesa de Matemática (SPM).

Era uma obra coletiva. E o que havia de interessante nisso era que havia realmente, digamos, mal considerado, uma sociedade original, é que se tratava de um grupo coeso e que atuava conjuntamente, com objetivos bem definidos e pertinentes. Quero dizer que foi assim que se pôde fazer obra durável, que significa aqui, posso dizer, o conjunto

Quadro 2. Personagens que estiveram à frente das principais iniciativas do “movimento matemático”

Nome	Participação/Iniciativas
António Aniceto Monteiro - Universidade de Lisboa (UL)	Seminário Matemático de Lisboa (Seminário de Análise Geral) Centro de Estudos de Matemática de Lisboa (CEML) <i>Portugaliae Mathematica</i> Sociedade Portuguesa de Matemática (SPM) <i>Gazeta de Matemática</i> Junta de Investigação .Matemática (JIM)
Manuel Zalar Nunes (UL)	Seminário Matemático de Lisboa (Seminário de Análise Geral) CEML <i>Portugaliae Mathematica</i> <i>Gazeta de Matemática</i>
Pedro José da Cunha (UL)	CEML SPM
Ruy Luis Gomes – Universidade do Porto (UP)	Centro de Estudos de Matemática do Porto (CEMP) <i>Portugaliae Mathematica</i> JIM
Bento de Jesus Caraça – Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (ISCEF)	Centro de Estudos de Matemática Aplicada à Economia (CEMAE) SPM (comissão pedagógica) <i>Gazeta de Matemática</i> <i>Biblioteca Cosmos</i> Universidade Popular Portuguesa (de Lisboa)
Aureliano de Mira Fernandes (ISCEF)	CEMAE JIM
Caetano Beirão da Veiga (ISCEF)	CEMAE
Hugo Ribeiro (UL)	CEML <i>Portugaliae Mathematica</i> <i>Gazeta de Matemática</i>
José da Silva Paulo	<i>Portugaliae Mathematica</i> <i>Gazeta de Matemática</i>
Maria Pilar Ribeiro	SPM
Augusto Sá da Costa (ISCEF)	CEMAE SPM
José Morgado (CEMP)	<i>Gazeta de Matemática</i>
Alfredo Pereira Gomes (CEMP)	<i>Gazeta de Matemática</i>

destes três órgãos (...) por terem sido simultâneos e por terem sido complementares: a *Gazeta de Matemática*, a *Sociedade Portuguesa de Matemática* e a *Portugaliae Mathematica*, que depois eu me propus, depois do 25 de Abril, a reconstituir, e tive inúmeras dificuldades para isto..., mas consegui. (Depoimento de Alfredo Pereira Gomes).

Outras iniciativas, sob a direção de Bento de Jesus Caraça, foram a edição da Biblioteca Cosmos — uma enciclopédia — e a retomada do funcionamento da Universidade Popular Portuguesa que, em conjunto, cumpriram o papel de difusão do conhecimento científico à população em geral. É importante mencionar a ligação de tais iniciativas com o legado do republicanismo português e sua defesa do compromisso cívico dos intelectuais com a *pátria* e o *povo*.

No início da década de 1940, foram estabelecidos como centros de pesquisa o Centro de Estudos de Matemática de Lisboa (CEML), o Centro de Estudos de Matemática Aplicada à Economia (CEMAE), também em Lisboa, e o Centro de Estudo de Matemática do Porto (CEMP), o que viabilizaria, de maneira continuada, a realização de estudos e a formação de investigadores. Contudo, a aproximação do *Movimento Matemático* com outros movimentos do campo da cultura (escritores, artistas, jornalistas, cientistas de outras áreas de conhecimento, entre outros) e da oposição política fez com que reforçassem a concepção de suas atuações não apenas como cientistas, mas também *intelectuais*.

O emprego da categoria é singular na influente obra do comunista Bento de Jesus Caraça (CARAÇA, 1970). Seus escritos sobre as relações entre ciência e humanismo e acerca do papel social e político do intelectual desenvolveram teoricamente sua preocupação com a emancipação humana. Em linhas gerais, aos intelectuais caberia a *responsabilidade* de valorizar e encontrar os “meios de impor a razão e realizar a justiça” de maneira “integrada” (*op.cit.*: 43). Este seria propriamente o impasse ou a crise a ser superada e que dependia, para tanto, de uma ética política e pedagógica. Em outras palavras, o que Caraça propunha ao intelectual — e aqui se manifestava algo de sua constante preocupação com a *aplicabilidade* do conhecimento —, não era tão somente a elaboração de um pensamento que conduzisse à erosão da antiga ordem, mas também *soluções* capazes de produzir a profunda *integração* entre razão e justiça. A *integração* seria necessariamente produto da superação das contradições existentes entre o individual e o coletivo, precisaria ser socialmente construída, pois não é um produto da ordem natural. Trata-se de um processo: “cada fase da luta é um passo novo dado no caminho para a unidade do individual e do coletivo” (*op.cit.*, p. 43). Neste processo, o intelectual atuaria com seu trabalho de construção um princípio superior que haveria de harmonizar os contrários com vistas à elaboração de um novo sentido do todo.

Assim, aos sentidos do trabalho do cientista, de inovação e difusão do conhecimento, associava-se ainda mais o civismo em torno da causa de ‘tirar Portugal do atraso’, o que pode ser percebido no emprego continuado de expressões como *tarefa*, *missão*, entre outras, para referir-se à atuação do cientista atento e atuante nas questões do seu tempo. Em contrapartida, a ofensiva do regime se deu através

de cortes no apoio financeiro aos Centros emergentes. Diante disto, o movimento precisou ser rearticulado, o que se deu pela criação da Junta de Investigação Matemática (JIM), iniciativa precursora em Portugal, por ter seu orçamento oriundo do capital privado. Por ocasião da formação da JIM, Antonio Monteiro destacou seus objetivos, em um programa de rádio, em termos como no trecho que destacamos como segue:

Os matemáticos portugueses, *conscientes das suas responsabilidades perante o País e perante a cultura*, resolveram unir-se para a realização que o *dever* lhes impõe.

Em 4 de outubro de 1943, um grupo de investigadores portugueses fundou a Junta de Investigação Matemática e definiu os seus objetivos nos seguintes termos:

- 1º. promover o desenvolvimento da investigação matemática;
- 2º. realizar os trabalhos de investigação matemática necessários à economia do país;
- 3º. sistematizar a inquirição dos matemáticos portugueses;
- 4º. vincular o movimento matemático português com o de outros países e, em especial, com o dos países ibero-americanos;
- 5º. despertar na juventude estudiosa portuguesa o *entusiasmo pela investigação matemática e a fé na sua capacidade criadora*. (*Gazeta de Matemática*, n.20, agosto de 1944, p. 1, grifos meus).

Em outros momentos do seu discurso e em posicionamentos posteriores, empregou termos como *dever*, *responsabilidade*, *consciência*, *missão*, *tarefa*, para se referir ao compromisso ético-político do cientista, além de expressões como “atitude crítica”, para se referir às características do investigador. Por fim, está presente em sua fala, como em diversos textos dele e de outros membros do movimento, um enunciado civismo.

Estão hoje reunidas nesta Junta de Investigação Matemática a quase totalidade dos investigadores portugueses que têm dado provas de sua capacidade (...). Trata-se, portanto, de uma organização *que representa as forças vitais dessa cultura, o que revela uma consciência profunda da hora presente*. (*Gazeta de Matemática*, n.20, agosto de 1944, p. 1, grifos meus).

Ser investigador é um dever de todo cidadão consciente das suas responsabilidades perante a sociedade, porque ser investigador é *adoptar uma atitude crítica, perante a vida e o conhecimento*, para chegar a novas conclusões. (*Gazeta de Matemática*, n.21, 1944, p. 1, grifos meus).

Cientes de que o financiamento da JIM poderia não ser renovado, intensificaram-se os contatos e as redes de relações com outros cientistas de diversas partes,

sobretudo dos Estados Unidos, França, Suíça, Espanha, Brasil e Argentina. António Monteiro acabou por ser o primeiro a vir para o Brasil, em 1945, mas os contatos para sua vinda foram iniciados dois anos antes. Em 1947, uma leva de cientistas foi *afastada* — terminologia do regime para se referir às demissões — numa série de expurgos que visavam a reprimir quadros e organizações da oposição. Muitos desses cientistas sequer haviam se manifestado como opositores, e é possível que as listas dos demitidos tenham partido de dentro da própria academia, incluindo desafetos pessoais (Depoimento de Alfredo Pereira Gomes). O *Movimento Matemático* viu a maioria dos seus membros partir para o estrangeiro. Entre as poucas exceções, esteve Bento de Jesus Caraça, que veio a falecer no ano seguinte.

2.2 REDES, CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL E INSERÇÃO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

A presença de exilados da ditadura portuguesa que teve início em 1926 (portanto, ainda antes da instauração do Estado Novo) se deu já no ano seguinte, com a chegada do militar e escritor republicano João Sarmento Pimentel. Em um primeiro momento, no Rio de Janeiro, Sarmento Pimentel participou de iniciativas do Centro Republicano Dr. Afonso Costa, como a publicação do jornal oposicionista *Portugal Republicano*. Entre 1930 e 1945, já em São Paulo, editou, como Ricardo Severo, a *Revista Portuguesa*, que exerceu um importante papel de aproximação entre intelectuais, sobretudo escritores, portugueses e brasileiros, e no mútuo conhecimento do movimento literário modernista em ambos os países. Mas foi a criação, que também contou com seu apoio, do jornal *Portugal Democrático*, em 1956, o que possibilitou a consolidação de *redes de esquerda* que viabilizariam a vinda de muitos, bem como o apoio às atividades de oposição ao regime no exílio (SILVA, 2006). Além disto, a constituição e a ampliação de universidades, bem como a institucionalização de diferentes áreas de conhecimento no Brasil, tornaram possível a vinda de diversos escritores e cientistas estrangeiros, entre eles, os portugueses. Contudo, a inserção na sociedade brasileira e nos meios acadêmicos também experimentou momentos em que as fronteiras e os entraves burocráticos e políticos se impuseram.

Assim como com outros, escritores, militantes e artistas, os matemáticos puderam em alguma medida contar com uma rede de apoios para suas vindas e colocações profissionais. No entanto, a vinda de António Monteiro — primeiro membro do *Movimento Matemático* a chegar ao Brasil — foi marcada por incertezas desde antes de sua chegada. Apesar dos contatos antecipadamente firmados com matemáticos e físicos brasileiros e com Anísio Teixeira, entraves burocráticos adiaram a sua partida: "... depois de me mandarem preparar a viagem em 20 dias, deixaram-me 15 meses sem notícias e sem tomarem uma decisão" (trecho da carta ao físico brasileiro José Leite Lopes, de 22 de março de 1950, *apud* SILVA, 1997). Ao final, Monteiro partiu para o exílio em 1945 e lecionou por dois anos na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, tendo ali formado alunos que mais tarde se tornaram eminentes matemáticos e físicos brasileiros. Durante sua estada no

Rio de Janeiro, morou em Santa Teresa, no antigo *Grand Hotel Internacional*, então recém-comprado pelo casal de artistas plásticos Arpad Szenes e Maria Helena Vieira da Silva, mais conhecida como Vieira da Silva; ele judeu húngaro, ela, portuguesa. O casal transformou a residência em ateliê e em hospedagem para pintores e outros artistas plásticos, muitos deles estudantes. Contudo, o contrato de Aniceto Monteiro com a Universidade do Brasil não foi renovado por pressões da Embaixada de Portugal junto à Reitoria. Em 1949, após dois anos de peregrinação por diversos empregos, deixou o Brasil ao aceitar a proposta de trabalho da Universidad de Cuyo, na Argentina. Apesar de sua curta estadia no Brasil, Monteiro irá se tornar o nó da rede que irá trazer os outros membros do *Movimento Matemático* ao Brasil, uma vez que seu aluno, Leopoldo Nachbin, foi um dos personagens centrais na vinda desses matemáticos para Pernambuco.

Foram as redes de relações acima mencionadas que possibilitaram a vinda do grupo de matemáticos que compuseram, cito “a melhor escola de matemática formada por portugueses”, que “não é a do Porto, nem a de Lisboa, nem a de Coimbra, mas sim a do Recife, aqui no Brasil, com Ruy Luís Gomes, Manuel Zaluar Nunes, Alfredo Pereira Gomes, José Morgado e António Brotas”, como escreveu o historiador português Joaquim Barradas de Carvalho — também exilado e professor na Universidade de São Paulo entre 1964 e 1970 —, em um de seus artigos no *Portugal Democrático* (CARVALHO, 1974, p. 16). De fato, a chegada de Alfredo Pereira Gomes e Manuel Zaluar Nunes, em 1952, possibilitou ao longo de duas décadas a realização e/ou continuação de projetos científicos iniciados em Portugal pelo *Movimento Matemático*. Assistente de Ruy Luiz Gomes na Universidade do Porto, Alfredo Pereira Gomes coordenou por alguns anos a seção da *Gazeta de Matemática* intitulada “Movimento Matemático”, com notícias das atividades de seus membros. Desde o final dos anos 1940, era pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), em Paris, altura em que recebeu o convite de Luiz Freyre (primo do antropólogo Gilberto Freyre) — correspondente e colaborador em algumas das iniciativas do Movimento Matemático e então Diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife — para contribuir na formação de uma faculdade de matemática em Pernambuco. O convite era extensivo a Manuel Zaluar Nunes, que também se encontrava em Paris — desde sua demissão do Instituto Superior Técnico, de Lisboa — e ali atuava como pesquisador do CNRS e diretor da *Gazeta de Matemática*. Em depoimento, Pereira Gomes afirmou que, em um primeiro momento, recusou o convite, pois não tinha quaisquer planos de vir trabalhar no Brasil. Entretanto, cerca de um ano depois mudou de ideia por estar insatisfeito com o Laboratório do qual fazia parte na França e por pareceres favoráveis de brasileiros, além do seu então cunhado, o escritor Adolfo Casais Monteiro (Alfredo era irmão do escritor neo-realista e comunista Soeiro Pereira Gomes, e da escritora Alice Pereira Gomes, que foi casada com Casais até pouco antes da vinda do escritor para o exílio no Brasil). Assim, procurou de volta Luiz Freyre para saber se a proposta se mantinha de pé. Atrasos na instauração do curso de matemática na Universidade do Recife possibilitaram sustentar a proposta

(depoimento de Alfredo Pereira Gomes).

Nos anos seguintes, vieram Ruy Luís Gomes, José Morgado e o físico António Brotas. Ruy Luís Gomes, professor catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, demitido deste cargo por motivos políticos, foi candidato à Presidência da República nas eleições portuguesas de 1951 pela oposição articulada em torno do Movimento Nacional Democrático (MND), mas se viu forçado a deixar o país após sua terceira passagem pela prisão, em decorrência do apoio retirado em favor da autonomia de Goa, uma das então colônias portuguesas em 1954. Trajetória semelhante foi a de José Morgado. Um dos mais importantes dirigentes do MND, passou alguns anos na prisão até vir ao Recife em 1960. Ruy Luís Gomes chegou ao Brasil dois anos depois, após uma breve passagem pela Argentina, onde atuou a convite de António Monteiro, já na Universidad del Sur, em Baía Blanca. Por fim, António Brotas, último a chegar ao Recife, doutorou-se em Física Teórica pela Universidade de Paris como bolsista do CNRS após ter sido demitido do cargo de professor assistente no Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa. O convite partiu dos demais matemáticos já radicados no Recife. Assim, em um espaço

Quadro 3. Circulação internacional e profissional dos matemáticos e físicos portugueses que atuaram no Brasil

António Aniceto Monteiro (1907-1980)	●→	●→	●→	●→	●→	●→	●
	Lisboa	Paris	Lisboa	R. Janeiro	Cuyo	B. Blanca	Lisboa
		(33-36)	(36-45)	(45-49)	(49-57)	(57-75)	(77-79)
Manuel Zaluar Nunes (1906-1967)	●→	●→	●→	●→	●→	●	
	Lisboa	Paris	Lisboa	Paris	Recife	Lisboa	
		(34-37)	(37-47)	(47-52)	(52-65)	(65-67)	
Ruy Luis Gomes (1905-1984)	●●→	●→	●→	●→	●		
	Coimbra	Porto	B. Blanca	Recife	Porto		
	(28-33)	(33-47)	(58-62)	(62-74)	(74-81)		
Alfredo Pereira Gomes (1919-2006)	●●→	●→	●→	●→	●		
	Porto	Paris	Recife	Nancy	Lisboa		
	(46-47)	(47-53)	(53-64)	(62-72)	(72-97)		
José Morgado (1921-2003)	●→	●→	●→	●			
	Porto	Lisboa	Recife	Porto			
		(45-47)	(60-74)	(74-91)			
António Brotas (1930)	●→	●→	●→	●→	●		
	Lisboa	Paris	Recife	Argel	Lisboa		
		(?-63)	(63-64)	(64-67)	(70...)		

de pouco mais de uma década (1952-1963), vieram os matemáticos portugueses e o físico que ajudaram a constituir a matemática e a física no Recife. A maioria aí permaneceu por muitos anos. Ruy Luís Gomes e José Morgado encerraram tal ciclo quando dos seus retornos a Portugal, em 1974, após o 25 de Abril.

3. EXÍLIO, COSMOPOLITISMO E IDENTIDADE NACIONAL

3.1 EXILADOS, COSMOPOLITAS

Nos depoimentos sobre suas trajetórias pessoais, identificações e pertencimentos, os cientistas aqui abordados tenderam para um discurso cosmopolita, com a recorrente afirmação de um humanismo, manifestado tanto em uma abertura ao mundo quanto pela solidariedade e identificação com questões comuns à condição humana. Contudo, com poucas exceções, tais laços com a humanidade não significaram a rejeição do pertencimento nacional ou a formas de nacionalismo, senão contra uma forma específica de nacionalismo e patriotismo hegemônicos. Também é importante apontar que tal perspectiva é experiencial, pois parte de suas histórias de vida, posicionamentos e trajetórias pessoais, bem como descreve um modo particular de se relacionar com o mundo que é complementado por — e concorre com — outros *modus vivendi*. A exposição a um ultranacionalismo de inspiração tradicional e conservadora contribuiu para uma demarcação/fronreira e para um estranhamento/recusa frente a este nacionalismo hegemônico. Neste sentido, foram recorrentes as afirmações de que o exílio se iniciou, ao menos subjetivamente, ainda em Portugal. A menção a sentimentos de alienação frente à sua sociedade nacional de origem expressava tanto um estranhamento quanto uma recusa daquela forma específica de ser português, sem necessariamente significar a recusa do pertencimento nacional.

Tais impressões subjetivas foram reforçadas com a aproximação militante com o campo da oposição ao regime e com a ausência de perspectivas profissionais — tanto por não encontrarem liberdade de expressão, amparo institucional, de infraestrutura ou políticas de investimento suficientes em educação, ciência e cultura, quanto pelas demissões/*afastamentos* dos quais foram alvo privilegiado. De fato, o diagnóstico de que em Portugal não encontrariam condições favoráveis não foi visto como um entrave definitivo, mas como um desafio a ser superado.

Voltando ao País com esta convicção de que me deveria entregar à obra de criar, ou contribuir para criar um Centro de Investigação em Física, estava naturalmente indicado a fazê-lo na escola onde era assistente. Aqui não havia, de facto, material algum que servisse para trabalhar no domínio onde me especializara, nem quase havia lugar para trabalhar. Eu já vinha, aliás, preparado para me deparar com tal situação e não sofri por isso desânimo algum: era preciso começar fosse em que condições fosse: começou-se. (Carta de Valadares a Ruy Luis Gomes in VALADARES, *op.cit.*).

Foram as sucessivas levas de *afastamentos* que os impulsionaram a buscar alternativas no estrangeiro.

Aqueles que para o Brasil vieram, apesar de terem dado continuidade às suas carreiras e de alcançarem êxito — premiações, colocações em conselhos científicos, criação e consolidação de cursos de pós-graduação, entre outros — enfrentaram, entretanto, novas fronteiras e entraves burocráticos. De um lado, a

presença corporativa do Estado Novo junto às associações de imigrantes fez com que não se identificassem com tais organizações e suas lideranças, nem com a maioria dos membros da *colônia*, preferindo a autoatribuição como *exilados*, *emigrantes* ou *diáspora*, em contraposição aos demais *imigrantes*, de modo a destacar o caráter político do fluxo e do vínculo com o país de origem (SILVA, 2007). De outro, a demora nas contratações e as dificuldades em se instalar no país podem ser encontradas tanto no caso de António Monteiro, quanto na vigilância e suspeição de que foram alvo em diversas ocasiões. Neste sentido, o depoimento de Alfredo Pereira Gomes, ao se referir a uma situação que vivenciou por ocasião da vinda de José Morgado e Ruy Luís Gomes a Recife, a seu convite, é elucidativo:

Fui chamado ao Consulado de Portugal e o Cônsul pretendia que eu assinasse o compromisso 'de que o Sr. Dr. José Morgado não viria fazer política no Recife'. Respondi-lhe prazenteiramente: 'Oh, Sr. Cônsul, eu nem a meu respeito assinaria um compromisso desses! Mas peço que me diga, sinceramente, se durante estes sete anos a minha actuação e a do Professor Zaluar Nunes melhoraram ou pioraram a imagem de Portugal no Brasil'. Ele acabou por concordar que era preferível arriscar... (GOMES, 1997, p. 78).

Além disto, mencionaram em depoimentos algumas reações nacionalistas de que foram alvo por parte de alguns brasileiros, bem como do incômodo de eventualmente terem suas condutas taxadas de colonialistas. Tal situação é reveladora de alguma das tensões que vivenciaram na sociedade brasileira, e de certo é também decorrente da secular relação entre os dois países e do passado colonial. Por outro lado, a referência à universalidade da linguagem matemática é uma constante em seus depoimentos. Referem-se, sobretudo, às possibilidade de diálogo e troca de conhecimentos em uma linguagem que, a princípio, transcende particularidades nacionais e locais, o que teria facilitado sua circulação internacional, bem como a interlocução no exílio. Contudo, também é possível encontrar depoimentos, como o de António Brotas, que faz menção às dificuldades encontradas na implantação de certas áreas de estudos da física no Recife, o que, de certo, nos remete para as disputas de poder e legitimidade internos ao âmbito acadêmico local.

Outras situações, práticas, que reforçavam o sentimento e a percepção do exílio e de que, portanto, se é estrangeiro em qualquer parte, foram as contínuas recusas de concessão de vistos para viagens ou, senão, "válidos apenas para Portugal", o que acabaria por intimidar muitos a pedir a cidadania brasileira. Em outras situações, como de Manuel Zaluar Nunes e Alfredo Pereira Gomes, o retorno a Portugal exigia a redação de uma carta solicitando o indulto. O fato é que a situação de exílio não era cômoda, mesmo quando a inserção no país de recepção era relativamente bem sucedida.

3.2 PORTUGAL: O LUGAR A NÃO SE PERDER DE VISTA

Apesar de os personagens abordados neste texto terem colaborado para um espaço discursivo cosmopolita, e de, em alguma medida, compartilhado da ideia

de que são cidadãos do mundo, em nenhum momento perderam de vista o país de origem. No caso do Brasil, tal situação apresentou algumas peculiaridades. Ao lado das possíveis acusações de colonialismo e de manifestações de nacionalismo de que poderiam ser alvo, o estranhamento quanto à figura do cientista e do intelectual português eram constante, face ao acionamento de estereótipos de atraso e ignorância relacionados à presença de Portugal no imaginário popular. Assim, ao comprometimento com a situação das ciências e da cultura, de modo geral, em Portugal, manifestado através de categorias relacionadas aos significados do trabalho intelectual – como dever, tarefa, missão, entre outras – a que já nos referimos, tais atribuições seriam agora entendidas como reterritorializadas. Assim é que podemos pensar que a intensa circulação internacional desses intelectuais não apenas representou um cosmopolitismo, mas esteve de alguma maneira também associada à afirmação do ser português no mundo, do pertencimento nacional associado a uma ideologia nacional alternativa (FOX, 1990) e a um lugar desterritorializado e reterritorializado.

No Brasil, a inserção em redes sociais para além daquelas do meio profissional, como a militância no campo da oposição, sobretudo a participação em iniciativas dinamizadas pelo jornal *Portugal Democrático*, como o *Comitê dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão*, as celebrações do 5 de Outubro e a elaboração de dossiês anuais de denúncia da Guerra Colonial, apresentados à Assembleia anual da Organização das Nações Unidas (documento que tinha sempre como primeiro signatário o matemático Ruy Luis Gomes) reforçaram tanto o vínculo com o país de origem quanto com a condição de *exilado*. Acusados de serem *antipatriotas* e *traidores* por imigrantes e associações apoiadores do regime, manifestavam-se, em contrapartida, como *patriotas*, embora defensores de “um outro patriotismo” (SILVA, 2007). Do mesmo modo, a reivindicação de autonomia intelectual, para além de nacionalismos, não significou estar alheio à pátria ou a recusa de uma identidade nacional.

Na maioria dos casos aqui analisados, o exílio representou a continuidade de projetos pessoais e/ou coletivos, inviabilizados em Portugal, mas também da estreita relação entre atuação profissional e política e civismo. Assim, temos, como exemplo, a manutenção, através de redes profissionais, da periodicidade da *Portugaliae Mathematica* e da *Gazeta de Matemática*, a partir do exílio: primeiramente a partir da França e depois do Brasil (Manuel Zaluar Nunes esteve à frente de ambas até sua morte em 1967, tendo sido retomadas posteriormente após um interregno). A edição do *Portugal Democrático* por quase duas décadas (1956 a 1975) deu suporte e continuidade a uma militância no campo da oposição que, na maior parte dos casos, teve início antes da partida para o exílio.

Assim, podemos identificar duas tendências aparentemente contraditórias, mas complementares: de um lado, uma perspectiva cosmopolita (não somos de um lugar específico, nosso lugar é o mundo, a matemática) e um nacionalismo (apesar de diferenciados da ideologia nacional hegemônica, somos portugueses). Neste sentido, não se era tão somente cientista ou intelectual, mas matemático e

intelectual português, na medida em que havia um comprometimento não apenas com a causa científica ou da educação *per se*, mas também com o país ou, mais apropriadamente, com a *cultura portuguesa*. Tal difusão do que se pode chamar, em linhas gerais, de cultura portuguesa, não estaria restrita a uma atuação em Portugal, embora houvesse uma preocupação e um empenho na melhoria das condições e dos acessos ao conhecimento, de maneira ampla, naquele país. Com o fim da ditadura, a maioria dos intelectuais exilados que alcançou o 25 de Abril de 1974 tentou o retorno e uma recolocação em Portugal, mas alguns desistiram, não quiseram ou não insistiram em tal projeto. Ouvi de Alfredo Pereira Gomes, que retornou antes do 25 de Abril, a frase: “... uma vez exilado, para sempre exilado”. Havia certo tom amargo em sua fala, ao ressaltar as dificuldades enfrentadas no retorno, e também um estranhamento do país, mesmo após a instauração de um regime democrático. Outros escritos de exilados portugueses (*cf.*, por exemplo, SENA, 1988) também são reveladores dessas tensões e de um apontamento na direção de que não era necessário estar em Portugal para contribuir com a cultura portuguesa. Ser intelectual português, nesta concepção, compartilhada, significava levar ao mundo – e não apenas a Portugal – um modo peculiar de perceber o mundo e de produzir conhecimentos; representações estas, embora expressas em linguagens, são universais, traduzíveis em diferentes contextos históricos e sociais. O uso continuado, no exílio, de termos como *tarefa*, *missão*, etc..., para se referir ao trabalho intelectual e a um comprometimento com o país e com a ciência, ressignificou a própria prática profissional. A despeito da circulação por diferentes países, essas fronteiras de pertencimento, concebidas como desterritorializadas, se reforçaram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARAÇA, Bento de Jesus. “A Cultura Integral do Indivíduo – Problema Central do Nosso Tempo” in *Conferências e Outros Escritos*, Lisboa, 1970.
- CARVALHO, Joaquim Barradas de. *O Obscurantismo Salazarista*. Lisboa: Seara Nova, 1974.
- FOX, Richard. *Nationalist Ideologies and the Production of National Cultures*. Washington D.C, American Ethnological Monograph Series, Number 2, 1990.
- GOMES, Alfredo Pereira. “Implantação no Recife de um núcleo de matemáticos portugueses na década de 50” in *Actas do II Encontro Brasileiro de História da Matemática & II Seminário Nacional de História da Matemática*, Águas de São Pedro, pp. 67-84, 1997.
- NEGRi, Antonio & HARDT, Michael. *Multidão: Guerra e Democracia na Era do Império*. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2004.
- PEREZ, Ilda. *Movimento Matemático 1937-1947*. Lisboa: Biblioteca Museu República e Resistência, 1997.
- SENA, Jorge de. *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- SILVA, Circe Mary Silva da. “António Aniceto Monteiro no Brasil (1907-1980)” in *Atas do II Encontro Luso-Brasileiro de História da Matemática & II Seminário Nacional de História da Matemática*, Águas de São Pedro, pp. 113-121, 1997.

SILVA, Douglas Mansur da. *A Oposição ao Estado Novo no Exílio Brasileiro*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

_____, Douglas Mansur da. *Intelectuais Portugueses Exilados no Brasil*. Formação e Transferência Cultural, Século XX, Tese de Doutorado em Antropologia, Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2007.

VALADARES, Manuel. "Recordações do Laboratório Curie" in *O Diabo*, 279, 1940.

OUTRAS FONTES

Jornais

Portugal Democrático, coleção completa catalogada, 205 números: julho/1956 a abril/1975.

Gazeta de Matemática (janeiro de 1940 a novembro de 1947, 34 números)

ENTREVISTAS

Alfredo Pereira Gomes: 15 de julho de 2005, Lisboa

Antonio Brotas: 22 de julho de 2005, Lisboa